

'Prédio Vazio' se destaca a Mostra de Tiradentes

PÁGINA 4



'Ainda Estou Aqui' eleva interesse por Erasmo Carlos

PÁGINA 5



'Hereditária' volta ao Rio em curta temporada

PÁGINA 8



2º CADERNO

Golden Globe/Divulgação



Fernanda Torres e o Globo de Ouro na categoria melhor atriz de drama. A premiação alavancou a indicação da brasileira ao Oscar de Melhor Atriz, repetindo o feito de sua mãe, Fernanda Montenegro

Prestígio internacional de Fernanda Torres só cresce e alimenta o sonho de um Oscar brasileiro

Uma estrela do tamanho do Brasil

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

A cada linha que a imprensa brasileira escreve sobre o desempenho de Fernanda Torres em "Ainda Estou Aqui", o filme de Walter Salles conquista uma nova láurea ou recebe mais uma indicação a prêmios in-

ternacionais, na estreia da corrida pelo Oscar 2025, que disputa em três frentes. Indicado esta semana à premiação anual da Sociedade Internacional de Cinéfilos (ICS), a adaptação do romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva briga pela estatueta dourada mais famosa de Hollywood nas categorias Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz. Consagra sua protagonista numa esfera midiática que raras estrelas não anglo-saxônicas, sobretudo latino-america-

nas, já alcançaram.

A tripla nomeação chega no momento em que Fernanda corre mundo a dar entrevistas aos medalhões da TV nos EUA, como Jimmy Kimmel, e tem seu rosto projetado em festivais internacionais. O próximo da fila será o de Roterdã, na Holanda, que inaugura sua 54ª edição nesta quinta, exibindo o drama dirigido por Salles neste sábado. O evento holandês usa o adjetivo "surpreendente" em seu catálogo para qualificar a atuação de Tor-

res, coroada com o Globo de Ouro, em Beverly Hills, no dia 5 deste mês. Suas chances de ser oscarizada vem crescendo a cada novo prognóstico da Meca da indústria audiovisual apesar da concorrência forte, sobretudo a de Demi Moore, indicada por "A Substância" (hoje na MUBI). Enquanto isso, o longa-metragem coleciona uma fortuna em ingressos vendidos no Brasil, já na raia de 4 milhões de pagantes. Os números só crescem.

Continua na página seguinte

ENTREVISTA / FERNANDA TORRES, ATRIZ E ESCRITORA

Adrian Teijido/Divulgação



Fernanda Torres recebe instruções de Walter Salles no set de filmagens de 'Ainda Estou Aqui'. A atriz destaca a maturidade do diretor que soube ter a percepção do que era supérfluo em cena e poderia ser descartado

'O Ainda Estou Aqui é um filme essencial, não tem um truque'

No páreo do Oscar, Torres concorre ainda com Cynthia Erivo ("Wicked"), Karla Sofía Gascón ("Emilia Pérez") e Mikey Madison ("Anora"), mas a carioca pode ampliar sua visibilidade nesse certame com o êxito comercial de "Ainda Estou Aqui" no exterior, cuja receita beira US\$ 15 milhões. A ampliação de seu circuito exibidor nos Estados Unidos, a partir da semana que vem, há de expandir seu faturamento global. Foi o que aconteceu com "Central do Brasil" (Urso de Ouro na Berlimale de 1998), rodado por Walter e também indicado ao Oscar, há 26 anos.

Nesse cult sobre uma escrevedora de cartas, o diretor escalou como estrela a mãe de Torres, a diva Fernanda Montenegro, que divide com a filha o papel principal de seu atual blockbuster, a advogada e ativista Eunice Paiva (1932-2018).

Durante os Anos de Chumbo, no começo da década de 1970, Eunice (mãe de Marcelo) teve seu marido, o engenheiro e ex-deputado Rubens (papel de Selton Mello),

levado para depor, mas ele nunca regressou. Dali para diante, ela se empenha em dissipar as névoas da tortura e das práticas de sumiço de ditos "subversivos", numa trajetória heroica de combate nas vias da Lei.

Quem vê Fernanda Torres recriar as batalhas de Eunice sai do cinema tocado (e pede bis). Protagonista de marcos do nosso teatro ("A Casa dos Budas Ditosos") e de nossa TV ("Os Normais", "Tapas e Beijos"), bem-suce-

“Ela (Eunice) perdeu não só o Rubens como a identidade da família dela na sociedade. Foi uma coisa muito séria, mas soube ter calma, soube confiar na justiça, no tempo”

didada ainda na prosa, como autora de romances (“Fim” e “A Glória E Seu Cortejo de Horrores”), ela vem arrebatando novos fãs desde a primeira projeção do longa, em setembro, no Festival de Veneza. Na terra das gôndolas, a produção ganhou o prêmio de Melhor Roteiro, dado a Heitor Lorega e Murilo Hauser.

Depois, “Ainda Estou Aqui” brilhou em projeções em San Sebastián, Nova York, Toronto e Marrakech, além da Mostra de São Paulo, onde ganhou o Prêmio de Júri Popular. No primeiro fim de semana de janeiro, a Associação de Críticos do Rio de Janeiro (ACCRJ) elegeu a narrativa de Salles para o pódio do Top Ten de 2024, dando a ele o título de Filme do Ano.

Passados 39 anos de sua vitória no Festival de Cannes por “Eu Sei Que Vou Te Amar” (1986), onde ganhou o prêmio de Melhor Interpretação, Torres é o coração dessa radiografia do Brasil dos tempos da ditadura. Na entrevista a seguir, ela faz um balanço sobre o simbolismo das pelejas éticas de Eunice e relembra a parceria com Walter, que começou em 1995, em “Terra Estrangeira” (hoje na Netflix), filmado por ele em duo com Daniela Thomas.

De “Terra Estrangeira” até “Ainda Estou Aqui”, o que mudou e o que mais se afinou no seu modo de trabalhar com Walter Salles, com quem você filmou ainda “O Primeiro Dia”, de 1998? Que rituais, métodos, anedotas se formaram na relação entre vocês?

Fernanda Torres: Eu acho que no “Terra Estrangeira” foi onde o Walter descobriu que diretor ele era. Foi super bonito ver o filme ser dirigido por ele e pela Daniela (Thomas). Muitas coisas que ele aprendeu no “Terra” ele levou depois consigo, como chamar a equipe para perto. Uma equipe pequena e ágil. Ele trouxe a Daniela do teatro para entender o processo com o ator. O roteiro foi meio experimentado com os atores lendo, uma coisa



Alile Dara Onawale/Divulgação

Divulgação

Alile Dara Onawale/Divulgação

Eunice Paiva é um guia para o mundo moderno, uma mulher que viveu num período distópico do mundo, durante a Guerra Fria. Sua família foi vítima da Guerra Fria, que apoiou as ditaduras militares da América Latina, num período em que ela e a família foram taxadas de comunista, de guerrilheira. Ela perdeu não só o Rubens como a identidade da família dela na sociedade. Foi uma coisa muito séria, mas soube ter calma, soube confiar na justiça, no tempo. Eunice soube manter a alegria de viver e confiou na Educação. Formou-se como advogada e foi, através da Lei, lutar pelos direitos humanos. Ela é um guia para aquela época e para hoje, sem dúvida.

Você virou uma escritora de prestígio, adaptada para o audiovisual inclusive (vide a minissérie “Fim”, talhando uma forma de escrita muito particular. Como é que você, na condição de autora, lê um texto hoje, sobretudo uma adaptação literária como é o caso de “Ainda Estou Aqui”?

Como escritora, aprendi muito com a minha experiência de atriz. Aprendi como entrar no personagem, como me deixar levar por ele, como respeitar. Às vezes, o personagem quer fazer algo, mas você acha que ele deveria fazer outra coisa. Acredito que eu escrevo diálogo bem. Entendi que o diálogo não pode ser uma repetição da ação. O diálogo tem que se contrapor à ação. Mas isso é atriz que eu sou falando. Você vê se o personagem está falando algo que vá contribuir para ação ou se ele está apenas dizendo estar triste ou a que lugar está indo. Quando o personagem abre a boca, tem que falar algo que te surpreenda. Nisso, Tarantino nos ensina muito. No caso do “Ainda Estou Aqui”, fui só alegria no roteiro, porque fiquei muito impressionada com a capacidade que (os roteiristas) Murilo (Hauser) e Heitor (Lorega) tiveram para escolher, naquele livro imenso do Marcelo, um corte que pula 26 anos e depois pula mais dez. É muito difícil. O trabalho da gente foi, principalmente, ajustar a Eunice na passagem da primeira fase para a segunda, para que a segunda tivesse uma razão de existir. Acho que o trecho mais difícil de acertar – que foi para lá, foi para cá, teve mil retornos - foi a segunda parte, ali em São Paulo, onde ela recebe o atestado de óbito do Rubens.

Teus livros já começaram a ganhar novas traduções de carona no sucesso do filme?

Os meus livros cumprem a vida deles. Está tão louco lançar o “Ainda Estou Aqui”, num trabalho tão grande, que estou deixando eles irem por eles.

que ele levou para a vida. Tinha a questão de deixar que todo mundo ali naquela pequena equipe fosse quase um coautor com ele. Ele sabe muito bem o que quer, mas é muito aberto à visão de todo mundo em volta. Por exemplo, no “Ainda Estou Aqui”, ele ouvia muito a Laura (Zimmermann) do som, o Carlos Conti (da direção de arte), o Lula Serriello (operador de câmera), o Adrian Teijido (diretor de fotografia). Uma coisa que ele já fazia na época do “Terra” é que ele dá as indicações no ouvido do ator baixinho, sem que outros saibam. Não sei se na época ele já tinha isso tão formatado na cabeça. Ele pede ao ator às vezes para trocar uma pequena coisa - seja uma palavra ou uma ação - de forma que

cada take seja um take e não uma tentativa de repetir a primeira (tomada) melhor. O documentarista que ele é - e que ele levou para o cinema na vida - estava no “Terra Estrangeira” e está até hoje lá. O que ele ganhou no “Ainda Estou Aqui” foi uma maturidade imensa na percepção de tudo que é supérfluo. Saca o que precisa ser cuspidor fora tanto da cena quanto do cenário, do figurino, da música. O “Ainda Estou Aqui” é um filme essencial, não tem um truque. Isso é uma coisa que a maturidade trouxe a ele.

O que a Eunice ainda te ensina sobre o Brasil, neste momento de promoção e de consagração do filme no mundo?

A maturidade do pupilo de Zé do Caixão

Divulgação

'Prédio Vazio', de Rodrigo Aragão, é um dos bons destaques da Mostra de Tiradentes

Por Inácio Araújo (Folhapress)

Os primeiros dias da Mostra de Tiradentes foram movimentados por "Uma Montanha em Movimento", de Caetano Gotardo, e "Prédio Vazio", de Rodrigo Aragão, que parece sinalizar a maturidade de Aragão, herdeiro direto de Mojica Marins. Sua habilidade como diretor e como maquiador (ótima virtude para um cineasta dedicado ao horror) aqui se mostra inteira e dedica-se a um assunto capaz de sensibilizar a garotada, público preferencial do gênero: as relações entre mãe e filha, que podem ser de proteção ou repressão, de amor ou de ódio.

Isso vem envolto na atmosfera fantástica de um prédio sinistro da praia de Guarapari, no Espírito Santo. Como nem só de terror se vive, o filme tem uma abertura bem simpática à ironia e ao humor. Sim, é bem melhor do que o terror miserável que se vê habitualmente. Não tem a força de uma personagem como Zé do Caixão, que em cada praga lançava um olhar sinistro para o mundo simbólico dominado por credices e religiões, mas "Prédio Vazio" pode muito bem chegar a um público amplo, inclusive internacional, desde que sua distribuição seja eficiente..



'Prédio Vazio' vem envolto na atmosfera fantástica de um prédio sinistro da praia de Guarapari, no Espírito Santo

Divulgação



'Uma Montanha em Movimento', de Caetano Gotardo, chama a atenção com sua intimidade, sendo totalmente filmado com celular, sem fotógrafo

Já o longa de Gotardo chama a atenção, primeiro, pelo modo de produção: filme íntimo, filmado com celular, sem fotógrafo, sem equipe. Ali se impõe, desde logo, o tema do movimen-

to, do corpo que se transforma, que se torna sonho ou memória.

Memória amorosa, no caso: tudo começa pela fala que um homem (o próprio Gotardo), que narra o fugaz namoro que viveu

com outro homem. Depois, ele pede ao outro que se deixe filmar numa pose determinada, mas nunca terá uma resposta positiva.

Essa negativa gruda nele sob a forma de uma ausência tão obsessiva quanto dolorosa. Em torno dela girará o filme, mas também em torno da ambiguidade sonho/realidade, verdade/mentira, memória/equívoco. É o vazio que, a rigor, ocupa cada um de nós: a ausência de um ser que por algum motivo rejeitou nosso desejo.

Esse rico material, em boa parte conduzida pelo ótimo texto dito pelo protagonista (que não raro lembra a beleza do texto de "Hiroshima, Meu Amor"), parece o ensaio de um futuro filme. Se não for, estamos diante de um belíssimo miúra (como se costuma chamar os filmes nada comerciais), que, em todo caso, merece um belo corte para ficar num tempo mais exato.

No mais, é preciso notar que a Mostra de Tiradentes cresceu.

Longe de ser o festival quase íntimo de alguns anos atrás, agora acumula sessões, convidados, debates, fóruns. Seu foco original, que era a série Aurora, hoje se torna quase marginal, no meio de tantos eventos.

Gotardo e Aragão se reafirmam, cada um à sua maneira, como cineastas importantes do cinema contemporâneo no Brasil.

Como não dá para estar em vários lugares ao mesmo tempo, ficamos devendo uma primeira impressão do documentário "Milton Bituca Nascimento", de Flávia Moraes, em que a Gullane faz sua homenagem à carreira do compositor agora retirado. E também do documentário indígena "Meu Pai Kaiowá", de vários diretores, em que se narra a busca do pai pela protagonista, em meio às sinistras vicissitudes que marcam a existência dos indígenas. Delas, no entanto, começa a emergir a significativa representação dos povos nativos por eles mesmos.

Alta rotação para o Tremendão

Sucesso de 'Ainda Estou Aqui' aumenta a procura por 'É Preciso dar Um Jeito, Meu Amigo', a canção gravada por Erasmo Carlos em 1971 e que é destaque na trilha sonora do longa



Divulgação

Erasmo Carlos em imagem de 1971, ano em que gravou o álbum 'Carlos, Erasmo', que teve duas canções incluídas na trilha sonora de 'Ainda Estou Aqui'

Por Affonso Nunes

A balada “É Preciso Dar Um Jeito, Meu Amigo”, de Erasmo Carlos (1941-1922), está sendo descoberta pelas novas gerações a partir do sucesso do aclamado filme “Ainda Estou Aqui”, dirigido por Walter Salles e estrelado por Fernanda Torres e Selton Mello. A faixa, que integra a trilha sonora do longa, foi lançada originalmente no repertório de “Carlos, Erasmo”, sétimo álbum da discografia do cantor e compositor, coincidentemente lançado em 1971, mesmo ano em que o político e engenheiro civil Rubens Paiva foi preso pelo regime militar.

A grandiosa repercussão do longa contribuiu diretamente para o aumento do consumo da música de Erasmo nas plataformas digitais. Logo após a vitória de Fernanda Torres no Globo de

Ouro, na categoria de Melhor Atriz em Filme Dramático – e a gigantesca reverberação sobre a performance da atriz em mídias de todo o mundo –, reacendeu a criação de postagens nas redes sociais ao som da canção do Tremendão.

Somente no Instagram foram mais de 160 mil criações, sendo 90 mil com Music Sticker (recurso que permite que a postagem seja feita com uma música à escolha do usuário, incluindo GIFs com partes de sua letra) e mais de 50 mil criações de outros tipos. O número de visualizações na plataforma, que era de 200 mil, chegou a alcançar 4 milhões. Em termos de consumo, a canção, que tinha menos de 25 mil streams/dia, atingiu o pico de 120 mil streams diários.

Em recente entrevista ao

Los Angeles Times, Walter Salles falou sobre a importância da música de Erasmo na trilha sonora do filme: “A escolha dessas músicas [da trilha sonora] foi extremamente importante para nós, porque naquela época [anos 1970], as músicas que você ouvia definiam você, diferente de hoje, quando algoritmos definem o que você vai ouvir. Nesse sentido, a inclusão de ‘É Preciso Dar Um Jeito, Meu Amigo’, que aparece na metade e nos créditos finais, foi essencial”, explicou o cineasta.

Lançado em 1971, “Carlos, Erasmo” é um marco na discografia de Erasmo Carlos e um dos álbuns mais importantes do rock brasileiro. Gravado em um período de grande efervescência cultural e política no país, ou seja, os anos de chumbo, o disco revelou um lado mais ousado do artista

forjado pelo movimento da Jovem Guarda.

Com o fim da Jovem Guarda, passou a ser visto com desconfiança pela crítica e por parte do público. Era preciso se reinventar, mas qual caminho seguir? Foi nesse contexto que André Midani entrou em cena. Em 1971, o então diretor da Philips contratou Erasmo Carlos para a gravadora e ofereceu ao Tremendão mais do que um contrato: deu ao artista total liberdade criativa.

“O André Midani me levou para a Philips, me deu plena liberdade e me disse: ‘Você vai gravar o que quiser, com quem quiser, da forma que quiser. Faça o que você quiser, mas faça. É importante qualquer coisa que você crie’”, contava Erasmo em entrevistas.

A produção do álbum ficou a cargo do maestro e arranjador e

Rogério Duprat, um dos principais nomes da Tropicália. Duprat foi fundamental para a sonoridade inovadora do disco, utilizando arranjos ousados e explorando instrumentos como guitarras distorcidas e o órgão Hammond, dando uma sonoridade psicodélica a algumas faixas, entre as quais “É Preciso dar Um Jeito, Meu Amigo”.

Mas esse nem foi o grande hit do álbum, que trazia 12 canções, todas feitas em parceria com o amigo Roberto Carlos. “Carlos, Erasmo” deu à MPB tesouros musicais como “De Que Valem Os Meus Olhos”, “Meu Nome é Gal” e “Como Dois e Dois”. Passadas décadas e décadas, “Carlos, Erasmo” é considerado um álbum fundamental para a evolução do rock brasileiro. Sua sonoridade inovadora e suas letras marcantes influenciaram diversos artistas e bandas que surgiram posteriormente.

“É uma grande satisfação falar sobre o legado do meu pai. Ele sempre dizia que queria ser lembrado pelas músicas, e eu acho que este momento agora é muito emblemático, porque ele está conquistando o mundo, literalmente, com uma música que, inclusive, nem fazia parte das mais tocadas dele e que agora está sendo redescoberta através das plataformas digitais. Esse lado mais interessante e incensado dele, que é o disco ‘Carlos, Erasmo’, e a música ‘É preciso dar um jeito, meu amigo’, juntamente com a canção ‘Gente Aberta’, exemplificam muito isso. O Erasmo tinha uma satisfação muito grande com esse lado em que ele falava questões existenciais da humanidade e os grandes questionamentos que ele tinha. Creio que a música ganhará mais destaque ainda com essas três indicações do filme ao Oscar. Eu, como mero emissário do legado do meu pai, fico emocionado imaginando ele aplaudindo na plateia, com uma pipoca na mão, e pensando: ‘Eu cheguei de muito longe, e a viagem foi tão longa...’, comemora o empresário Leonardo Esteves, filho do nosso querido e saudoso Gigante Gentil.

Donatiando com primor

Cristina Granato/Divulgação

Chega às plataformas o álbum em que nove cantoras do primeiro time da MPB apresentam versões do rico cancionário do saudoso João Donato

Por Affonso Nunes

Chega às plataformas nesta quinta-feira (30) “Elas Cantam Donato” (Biscoito Fino), álbum que, como o título sugere, reúne apenas vozes femininas em novas versões para clássicos do músico, compositor e arranjador João Donato. As canções de Donato, que nos deixou em 17 de julho de 2023 aos 89 anos, foram gravadas por inúmeras cantoras, aqui representadas por artistas muito próximas do compositor, e outras com as quais ele planejava trabalhar.

Gravado em 2024, quando João Donato completaria 90 anos, o álbum foi idealizado por Regina Oreiro, que o produziu em parceria com a jornalista e gestora cultural Ivone Belém, viúva do compositor. O elenco inteiramente feminino reúne Wanda Sá, Joyce Moreno, Simone, Mônica Salmaso, Mart'nália, Zélia Duncan, Teresa Cristina, Luedji Luna e Tulipa Ruiz.

“Querida fazer uma coisa diferente, então pensei em um disco só com cantoras. A primeira ideia que me veio foi juntar Joyce Moreno e Wanda Sá em um dueto, já que as duas têm tudo a ver com a história do Donato”, rebobina Regina Oreiro. “Ele queria muito que a Simone gravasse uma música dele, coisa que veio a acontecer agora, neste disco. Convidei também artistas de outra geração, como Tulipa Ruiz e Luedji Luna. Achei forte reunir apenas mulheres, por tudo que elas vêm conquistando nos últimos tempos”, acrescenta.

Os arranjos das oito faixas do projeto levam as assinaturas de quatro craques: Itamar Assiere, Marcos Valle, Lula Galvão e Gustavo Ruiz, que se revezam ao longo das faixas selecionadas. São elas: “Surpresa” (João Donato e Caetano Veloso), “Não Sei Como Foi”



João Donato tem a obra celebrada por grandes cantoras da MPB no álbum-tributo ‘Elas Cantam Donato’, que chega às plataformas digitais nesta quinta-feira

Divulgação



(João Donato e João Bosco), “Lugar Comum” (João Donato e Gilberto Gil), “Bananeira” (João Donato e Gilberto Gil), “Verbo do Amor” (João Donato e Abel Silva), “Azul Royal” (João Donato e Maurício Pereira), “Naturalmente” (João Donato e Caetano Veloso) e “Sambou, Sambou” (João Donato e João Mello).

A notória preferência de João pela música instrumental não fazia dele um compo-

sitor de música apenas para músicos. Pelo contrário, é fácil cantarolar suas melodias, mesmo as mais complexas e carregadas de acordes dissonantes. “Como ele ficava feliz quando ouvia alguém assoviando um pedacinho de ‘Amazonas’ ou ‘Jodel’! Só para citar dois temas que originalmente foram criados e gravados nos anos sessenta, na forma instrumental”, recorda Ivone Belém.

“João ficava todo contente, e eu podia sentir isso naquele olhar curioso de guri, quando ele recebia o telefonema de alguma cantora encomendando música para um novo disco. No ato de compor, quando o tema estava pronto, muitas vezes sem letra, ele dizia com o seu característico jeito nortista de falar arrastado: ‘esta é para a voz da cantora tal’”, reforça a viúva do músico.

Segundo Ivone, João Donato ouvia tudo que caía nas suas mãos. “Não se demorava no que não o interessava. Mas quando um som ou uma voz prendiam a sua atenção, ele passava dias escutando aquilo. No período de isolamento, em 2020, ele aprendeu a usar os aplicativos e plataformas digitais de música. Descobriu cantoras que até então não haviam passado no seu radar”, revela.

Ivone conta que quando Regina Oreiro veio a ela com a ideia de produzir este disco inteiro com vozes femininas para comemorar

os 90 anos de nascimento de João, ela não deixou de imaginar a felicidade que Donato sentiria. “A sua obra delicadamente interpretada pelas cantoras que ele amava, a grande maioria com quem ele gravou, compartilhou o palco, viajou pelo mundo, é para selar com laço de fita. E somaram-se intérpretes com quem ele já vinha flertando!”

Pianista, acordeonista, arranjador, cantor e compositor, João Donato deixou um legado enorme na música brasileira com uma carreira marcada pela inovação, pela fusão de gêneros e pela criação de melodias sofisticadas e impactantes. Donato iniciou a carreira musical em 1949, como integrante do grupo de Altamiro Carrilho, com quem gravou um disco naquele ano, ainda tocando acordeon. Ao longo de sua carreira, colaborou com diversos artistas renomados da música brasileira, como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, João Gilberto e outros.

O estilo musical de Donato é único e inovador, com a mescla de elementos de diversos gêneros, como jazz, bossa nova, música latina e ritmos afro-cubanos. Dessa mistura nasceram melodias sofisticadas e harmonias complexas, que se tornaram sua marca registrada. Suas composições mais conhecidas incluem “A Rã”, “Amazonas”, “Lugar Comum”, “Simples Carinho” e “Até Quem Sabe”.

Frank LeBon/Divulgação

‘Mayhem’, novo álbum de Lady Gaga, chega em 7 de março

Faixa-título será lançada como single e clipe nos intervalos da transmissão do Grammy 2025

Lady Gaga anunciou para 7 de março a data de lançamento de “Mayhem”, seu sétimo álbum de estúdio. Misturando a energia eclética que conquistou os fãs desde o começo com uma visão artística ousada e destemida, o trabalho marca um retorno triunfante às raízes pop de Gaga com canções que exploram temas de caos e transformação. “O álbum começou quando eu enfrentei meu medo de voltar à música pop que meus primeiros fãs adoravam”, diz Gaga.

Longe de ser um retrocesso nostálgico, “Mayhem” rein-



Lady Gaga faz um retorno ao pop no álbum

venta o som de sua carreira com uma abordagem caleidoscópica que se baseia na extensa biblioteca de referências musicais da cantora e que ao mesmo tempo adota uma perspectiva artística nova e destemida. Gaga descreve o processo criativo como remontar um espelho quebrado. “Mesmo que você não consiga juntar as peças perfeitamente, você pode criar algo bonito e completo de uma nova maneira”, compara.

O projeto de 14 faixas — que inclui as músicas “Disease”

e “Die With a Smile”, lançadas anteriormente — teve produção executiva de Gaga, Michael Polansky e Andrew Watt. Os produtores do álbum incluem Gaga, Andrew Watt, Cirkut e Gesaffelstein.

“Disease” foi aclamada pelo jornal “The Independent” como “melhor música dela em muito tempo”. Já o “The Guardian” elogiou os “sintetizadores distorcidos e efervescentes” e a “batida forte e levemente industrial”. A “Rolling Stone” destacou a “linha de sintetizadores cavernosos” e o “refrão clássico de Gaga”. Dirigido por Tanu Muino, o vídeo de “Disease” foi elogiado pela “Vogue” como “um dos melhores cliques do ano”, enquanto a “W” celebrou sua “experiência cinematográfica, quase teatral”.

“Die With a Smile”, a colaboração de Gaga com Bruno Mars que está no topo das paradas, virou sensação global. Atualmente na terceira semana em primeiro lugar na Billboard Hot 100, a balada também chegou ao topo da Billboard Global 200 e ao #3 da parada Global do Spotify, estabelecendo um recorde como a música mais rápida a atingir 1 bilhão de transmissões no Spotify. São Paulo é a segunda cidade do mundo que mais escuta Lady Gaga pela plataforma, somando 1,4 milhão de ouvintes mensais. Com mais de 2,7 bilhões de transmissões até o momento, “Die With a Smile” foi indicada para dois prêmios GRAMMY 2025, incluindo Canção do Ano e Melhor Performance de Duo/Grupo Pop.

Gaga lança o terceiro single e o videoclipe da faixa-título neste domingo (2), durante um intervalo comercial da cerimônia de entrega do Grammy Awards 2025. A lista de faixas completa do álbum será revelada em uma data posterior.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Encontro de almas

A banda Expressão apresenta nesta sexta (31) o single “Transcende” nas plataformas digitais. Escrita por Rodrigo Castanho e Mastiga (vocalista do grupo), a faixa reflete sobre um encontro de almas, um amor capaz de superar barreiras. A fusão entre pop e reggae aparece como a principal característica da faixa. A banda aposta nessa mistura para trazer um som diversificado e reforçar sua identidade musical. Unidos a Castanho, a banda produziu um hit para os apaixonados com o DNA musical do grupo.

Divulgação



Um frevo quente

É calor, é saudade. É um sol que queima as ruas e aquece cada solidão da cidade. Nesse clima, o cantor e compositor Vinícius Barros, um dos expoentes da música independente pernambucana, abre alas para a chegada do Alto Verão de 2025. Nesta quinta-feira (30), o artista lança “Calor e Saudade”, gravado com a Orquestra Malassombro. O antecipa seu terceiro álbum, previsto para março. “Quis começar com um frevo para marcar a importância da nossa resistência cultural. Um gênero centenário, um dos símbolos da nossa identidade e do nosso território”, comenta.

Divulgação



Divulgação



Encontro inusitado

O o trio de produtores Los Brasileiros lança nesta quinta-feira (30) a faixa “Profundamente”, uma parceria com Kevin o Chris e Wiu. O single é um encontro inusitado entre o funk carioca, o rap e os ritmos globais do afrobeat, resultando numa festa dançante marcada pela fusão de acordes brasileiros com as batidas envolventes do afrobeat. A escolha dos convidados Kevin e Wiu não foi por acaso. “Convidamos os dois por serem artistas que a gente gosta muito; Achamos uma parceria inusitada e ficamos felizes com o resultado”, afirmam os integrantes do trio.

Com duas indicações ao Prêmio Shell de Teatro de 2024, nas categorias direção (Pedro Sá Moraes) e cenografia (Ricardo Siri), “Hereditária” volta aos palcos cariocas em curta temporada no Espaço Cultural Sérgio Porto. Idealizado pela artista Moira Braga, o espetáculo parte da descoberta, aos sete anos de idade, de uma condição genética rara (Stargardt), que causaria a perda de sua visão, para investigar os múltiplos sentidos da hereditariedade, do genético ao social.

Há quase duas décadas atuando como autora, bailarina e atriz em espetáculos de dança, teatro e no audiovisual, esta é a primeira vez que Moira traz ao palco sua biografia, e tematiza a doença. “A ideia é dar uma resposta larga sobre de onde ela vem”, explica Moira. “E abrir a reflexão para um leque mais amplo, investigando o que são nossas heranças e nossa hereditariedade, tudo que chega pra nós através da ancestralidade, tudo que fica pelo caminho, assim como as heranças que escolhemos ter”.

A dramaturgia, composta pela atriz junto com Pedro Sá Moraes, entrelaça eventos da vida pessoal e dos antepassados de Moira a referências históricas e mitológicas — como o mito grego das Moiras: três irmãs funestas que tecem o destino de todos os seres. Entre o biográfico, o poético e o político, “Hereditária” reflete sobre o quanto de nossas vidas é predeterminado e o quanto temos o poder de escolher.

Para além de uma contrapartida social, a montagem tem a ampliação dos acessos na raiz de sua concepção — o que é marca registrada dos trabalhos de Moira. No palco, a idealizadora contracenava com duas outras atrizes, Luize Mendes Dias, também intérprete de libras, e Isadora Medella, também multi-instrumentista. Libras e audiodescrição estão entrelaçadas de forma orgânica desde a dramaturgia até as movimentações de cena, expandindo as fronteiras do que costuma se compreender por acessibilidade. “Esse é naturalmente meu ponto de partida”, diz Moira, “quero que o meu trabalho acesse o maior número

Atriz e dramaturga, Moira Braga Moira traz ao palco sua biografia, e tematiza a doença de Stargardt



Isadora Medella, Luize Mendes Dias e Moira Braga estão no elenco de ‘Hereditária’, um espetáculo acessível

Para romper os grilhões da exclusão

ro de pessoas e, por isso, fomos concebendo mecanismos estéticos e dramáticos que proporcionem a expansão desse acesso”.

Atravessada por canções originais compostas por Sá Moraes, a narrativa possui uma abordagem estética diferente do que costuma se entender por teatro musical. A direção musical, assinada por Pedro junto com Isadora Medella, explora as vozes, os corpos e até os objetos cênicos como instrumentos musicais. Nesta forma de fazer teatro, que recebe o nome de Teatrocanção “a musicalidade é o norte que ajuda a encontrar o tom da atuação, a pulsação de cada cena, mesmo quando não há nenhuma nota musical sendo tocada”, diz o diretor, indicado ao Prêmio Shell em 2023 pela direção musical e canções originais do

espetáculo “Em Busca de Judith”.

O cenário é uma instalação visual e sonora do músico e artista plástico Ricardo Siri. É composto por objetos que, ao serem manipulados (pisados, percutidos, tocados, transportados) produzem os ambientes e sonoridades da peça. Para que pessoas cegas e de baixa visão tenham acesso a este cenário, serão convidadas a entrar no teatro alguns minutos antes da abertura de portas e explorar os objetos cênicos de forma tátil.

Ao contrário dos musicais tradicionais, com números de dança virtuosísticos, a direção de movimento assinada pelo performer, ator e professor da UFBA, Edu O. parte da diversidade de potências de cada corpo para compor gestos e movimentos cênicos. Primeiro

professor de dança cadeirante de uma universidade pública brasileira, Edu é referência no debate sobre a deficiência nas artes, e traz sua reflexão a respeito do capacitismo, ou bipedismo compulsório para a criação de “Hereditária”.

O capacitismo é um conjunto de ações e perspectivas excludentes, que refletem de forma cotidiana uma realidade social bastante grave. Um levantamento do Ministério da Saúde revela que o Brasil possui, atualmente, 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, representando 23,9% da população. Destas, quase 70% não concluíram o ensino fundamental e apenas 1% estão no mercado de trabalho.

“Esta exclusão é uma espécie de herança: de desigualdades ancestrais, de preconceitos enraizados

e solidificados em oportunidades que se abrem para alguns e fecham para outros. O projeto Hereditária nasce de um desejo de explorar, de forma criativa, poética, mas também política e lúcida, as diferentes dimensões das heranças que atravessam a vida do indivíduo com deficiência, e da sociedade como um todo”, explica Moira, acrescentando que existem boas políticas públicas para pessoas com deficiência, como o percentual mínimo de PCDs em produções artísticas, mas ela alerta sobre a falta de informação da população em geral. “O que precisamos agora é a ampliação do acesso à informação. Me choca a falta de conhecimento sobre o que estamos fazendo, o que é uma audiodescrição, como faz, porque é necessária. A gente precisa falar muito sobre isso. Precisamos que os patrocinadores se interessem, que o público queira conhecer”, afirma.

SERVIÇO

HEREDITÁRIA

Espaço Cultural Sérgio Porto (Rua Visconde de Silva, s/nº - ao lado do nº 292 - Humaitá) De 31/1 a 23/2, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | Ingressos: R\$ 50 e R\$25 (meia)